

R. M. M'Cheyne

# Confiai no Senhor



# **Confiai no Senhor**

Robert Murray M'Cheyne

## Confiai no Senhor

Robert Murray M'Cheyne

**“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento”. (Provérbios 3:5)**

Quando uma alma despertada é trazida a Deus, para crer em Jesus, ela frui pela primeira vez daquele estado calmo e abençoado de espírito que a Bíblia chama de paz em crença [Romanos 15:13]. Os sofrimentos da morte estavam alcançando-o, e as dores do inferno esperavam sobrepuja-lo; mas agora ele pode dizer: “Volta, minha alma, para o teu repouso” [Salmos 116:7]. Não é de se admirar que, quando este céu na Terra é efetivado inicialmente no seio uma vez ansioso, o jovem crente pode frequentemente imaginar que o céu já esteja ganho, e que ele deve se despedir do pecado e tristeza para todo o sempre. Mas, ai! Ele pode precisar apenas da passagem de um pequeno dia para convencê-lo de que o céu ainda não está adquirido, que, embora o Mar Vermelho tenha sido atravessado, ainda há um grande vociferante deserto a passar, e muitos inimigos a serem superados, antes que a alma entre na terra sobre a qual se diz que “todas as pessoas são justas”.

O primeiro sopro da tentação do exterior, ou a primeira ascensão da corrupção do interior, desperta ansiedades novas e estranhas no seio crente. Ele havia acabado de colocar a couraça da justiça do Redentor, mas esses vapores nocivos mancham e ofuscam o seu aço polido. Ai! Ele clama, que bem me fará estar livre de todas as acusações de pecados passados, se eu não estou seguro pelo levantar de novos acusadores nos dias por vir? Que bem o perdão dos pecados passados fazem-me, se, a cada passo de minha vida estou caindo em novo pecado?

O jovem crente nesse estado de espírito é como um viajante no meio de uma floresta perigosa. Ele foi trazido para um local de perfeita segurança para o presente. Ele pode ouvir o uivo dos lobos atrás dele, sem o mínimo de alarme, pois ele é levado a uma fortaleza, uma torre forte, onde é seguro; mas quando ele pensa em sua viagem além, quando ele se lembra de que ainda está no meio da floresta, e ainda longe de casa, ai! Ele não sabe como se mover; ele não sabe qual o caminho que o leva para a direita, e que o conduzirá ao erro. Quando a ovelha perdida foi encontrada pelo bom pastor, ela estava segura naquele momento, tão segura como se já estivesse no aprisco; e ainda assim estava, sem dúvida, em grande perplexidade, como voltar novamente, ela havia caminhado até agora sobre as montanhas, e nos vales, e através dos riachos, e através das matas espinhosos, de forma que era impossível que a ovelha desorientada encon-

trasse o seu caminho de volta; e, portanto, é dito que o bom pastor colocou-a sobre o seu ombro, regozijando-se.

E exatamente assim é com a alma que é encontrada por Cristo. Lavada em Seu sangue, ela pode se sentir tão segura e tão em paz como se já estivesse no céu; mas quando ela olha para os mil enredamentos no meio dos quais ela vagueou, os maus hábitos, os maus companheiros que colocavam armadilhas para ela em cada mão, ai! Ela é forçada a clamar: Como hei de andar em um mundo como este? Eu pensei que estava salvo; mas, ai de mim! Eu apenas estou salvo para ser perdido novamente. Tão real e tão doloroso é esse estado de espírito, que alguns jovens crentes realmente queriam morrer para que pudessem se livrar dessas ansiedades atormentadoras. Mas há um longo caminho mais excelente apontado nas palavras diante de nós:

*“Confia no Senhor de todo o teu coração,  
E não te estribes no teu próprio entendimento  
Reconhece-O em todos os teus caminhos,  
E Ele endireitará às tuas veredas”*

Esta é uma boa palavra para o crente aturdido; e “quão boa é a palavra dita a seu tempo” [Provérbios 15:23].

Em primeiro lugar, considerem o que é esta graça aqui recomendada: “Confia no Senhor de todo o teu coração”.

Quando o carcereiro de Filipos clamou: “que é necessário que eu faça para me salvar”, a resposta foi simples: “Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo” [Atos 16:30-31]. Sua grande ansiedade era escapar de debaixo da ira de Deus no terremoto; e, portanto, eles simplesmente apontaram para o sangrante Cordeiro de Deus. Ele olha para Jesus fazendo tudo o que deveríamos ter feito, e sofrendo tudo o que deveríamos ter sofrido; e enquanto ele olha, sua ansiedade é curada, e uma doce paz celestial brota interiormente, a paz em crença. Mas o inquiridor a quem se fala no texto é aquele que já tem a paz de um homem justificado, mas quer saber como ele pode desfrutar da paz de um homem santificado. Uma nova ansiedade surgiu dentro de seu seio, como a de que forma ele deve ordenar os seus passos no mundo; e, a menos que essa ansiedade também seja curada, deve-se temer que a sua alegria em crer será tristemente interrompida. Quão oportuna então, é a palavra que aponta de uma vez para o remédio! E quão maravilhosa é a simplicidade do método de salvação Evangélico, quando a alma é dirigida apenas para olhar novamente para Jesus: “Confia no Senhor de todo o teu coração”. Quando vocês vieram até nós, cansados e oprimidos pela culpa, nós apontamos Jesus para vo-

cês; pois Ele é o Senhor justiça nossa. Quando vocês veem até nós, novamente, gemendo sob o poder do pecado interior, apontamos mais uma vez a Jesus; porque Ele é o Senhor, a nossa força. É a real marca de um falso e ignorante médico de corpos, quando a cada doente, qualquer que seja a doença, ele aplica o mesmo remédio. Mas é a real marca de um bom e fiel médico das almas, quando, a cada alma doente e que perece, em todas as fases da doença, ele traz um, o único remédio, o único bálsamo em Gileade.

Cristo foi ungido não apenas para curar os quebrantados de coração, mas também para proclamar a libertação aos cativos; de modo que se isso é bom e sábio para dirigir o pobre pecador de coração partido, que não tem nenhuma forma de justificar a si mesmo, a Jesus, como a sua justiça, isso deve ser tão bom e sábio para dirigir o pobre crente, gemendo sob o laço de corrupção, não tendo nenhuma forma de santificar-se, a olhar para Jesus como sua sabedoria, sua santificação, a sua redenção. Tu uma vez olhaste para Jesus como a tua Cabeça da aliança, levando toda a ira, cumprindo toda a justiça em teu lugar, e isso te deu a paz; bem, olhe novamente para o mesmo Jesus, a tua Cabeça da aliança, obtendo por seus méritos dons para os homens, até mesmo a promessa do Pai, de derramar-Se sobre todos os Seus membros; e deixe que isso também te dê a paz. “Confia no Senhor de todo o teu coração”. Tu olhaste para Jesus na cruz, e isso te deu a paz de consciência; olhe para Ele agora no trono, e isso te dará pureza de coração. Eu conheço apenas uma maneira pela qual um ramo pode ser tornar-se um ramo frondoso, saudável, frutífero; e esta é: estar enxertado na videira, e permanecer ali. E exatamente assim, eu conheço apenas uma maneira pela qual um crente pode ser feito um filho de Deus feliz, santo, frutífero; e esta é: crendo em Jesus, permanecendo nEle, andando nEle, sendo arraigado e edificado nEle.

E observem, é dito: “Confia no Senhor de todo o teu coração”. Quando vocês creem em Jesus para a justiça, vocês devem lançar fora todos os seus próprios clamores por perdão; sua justiça própria deve ser trapos imundos aos seus olhos; vocês devem vir vazios, para que vocês possam ir embora cheios de Jesus. E exatamente assim, quando vocês confiam em Jesus como a sua força, vocês devem abandonar todas as suas noções naturais de sua própria força; vocês devem sentir que as suas próprias resoluções, e votos e promessas, são tão inúteis para deter a corrente de suas paixões, como muita palha seria em deter a cachoeira mais poderosa. Vocês devem sentir que sua própria firmeza e varonilidade de disposição, que têm sido por tanto tempo o louvor de seus amigos, e o gabar-se de sua própria mente, são tão impotentes diante do sopro da tentação, como uma cana quebrada diante do furacão. Vocês devem sentir que não lutam contra a carne e o sangue, mas contra espíritos de poder gigantesco, em cujo alcance poderoso vocês são frágeis como uma criança; então, e só então, vocês irão, de todo o coração, confiar no Senhor, a sua força. Quando o crente está mais fraco, então é que ele



está mais forte. A criança que conhece mais a sua absoluta fraqueza, confia mais completamente nos braços da mãe. A jovem águia que conhece, por meio de muitas quedas, a sua própria incapacidade de voar, consente em ser carregada na poderosa asa da mãe. Quando ele é fraco, então é forte; e somente assim o crente, quando ele descobriu, por meio de repetidas quedas, sua própria absoluta fraqueza, se agarra com simples fé no braço do Salvador, se apoia em seu Amado, através do deserto, e ouve com alegria a palavra: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza” [2 Coríntios 12:9].

Mas em segundo lugar, considerem como esta graça de confiar impede o crente de estribar-se em seu próprio entendimento.

*“Confia no Senhor de todo o teu coração,  
E não te estribes no teu próprio entendimento”.*

Deve ser dito por qualquer homem que tem uma consideração pela verdade, que o crente em Jesus põe de lado o uso de seu entendimento, e procura por miraculosa orientação do alto. A verdade é esta: ele confia em um poder Divino, iluminando o entendimento, e ele, portanto, segue os ditames da compreensão mais religiosamente do que qualquer outro homem.

Quando um homem vem a estar em Cristo Jesus, ele se torna uma nova criatura, não somente no coração, mas também no entendimento. A história do mundo, a história das missões, e a experiência individual, provam isso cabalmente; e pode não ser difícil apontar o que pode ser chamado de razões naturais para a mudança.

1. Quando um homem se torna um crente, um novo e não experimentado campo é aberto para que a compreensão penetre. É verdade que os homens não-convertidos fizeram mergulhos no caráter de Deus, Seu governo, Sua redenção. Mas o homem não-convertido nunca pode olhar para essas coisas com o amor de alguém interessado nelas; e, portanto, ele não pode conhecê-las em absoluto; pois Deus deve ser amado, a fim de ser conhecido. Mas, reconcilie um homem com Deus, e a inteligência brota com um poder não sentido anteriormente, e sente que esta é a vida eterna, conhecer a Deus e a Jesus Cristo a quem Ele enviou. E,

2. Quando um homem se torna um crente, ele adentra em cada busca impelido por afeições celestiais. Antes, não havia nada, senão motivos terrenos para impeli-lo a reunir o conhecimento; mas agora uma santa curiosidade é instilada em sua mente, e uma

retentividade que ele nunca teve antes. Ele olha com novos olhos sobre os campos, as florestas, as montanhas, os largos rios resplandecentes, e diz: “Meu Pai fez todos esses”.

Mas, se estas são razões naturais para a mudança, há uma razão sobrenatural que é maior do que todas. A compreensão do crente é nova; pois o Espírito de Deus é agora um morador em seu seio. Ele se inclina sobre este convidado todo-poderoso. Confia no Senhor, o Espírito, com todo o seu coração e não se estribe em seu próprio entendimento. No profeta Oséias, o dom do Espírito é comparado com o orvalho: “Eu serei para Israel como o orvalho” [Oséias 14:5]. Agora, isso é particularmente verdadeiro, pois o orvalho umedece tudo onde cai; não deixa uma folha não visitada; não há uma pequena folha de grama em que suas gotas de diamante não desçam; cada folha e caule do arbusto é sobrecarregado com o acúmulo precioso; exatamente assim, isso é peculiarmente verdadeiro sobre o Espírito, que não há uma faculdade, não há um afeto, um poder, ou paixão da alma, em que o Espírito não desça; operando por todos, refrescando, revigorando, renovando, recriando tudo. E se estamos realmente em Cristo Jesus, permanecendo nEle pela fé, somos compelidos a esperar esse poder sobrenatural para operar através de nossa compreensão; pois se esta não for conduzida pelo Espírito, nós não somos dEle. Porém, mais implicitamente, nos estribamos neste Espírito de amor, não é claro como o dia que todos nós mais implicitamente seguimos a orientação do nosso entendimento? Nós não nos estribamos sobre o nosso próprio entendimento; pois nós nos estribamos no Espírito de graça e de sabedoria, que é prometido para nos guiar em toda a verdade, e guiar nossos passos no caminho da paz. Mas nós não lançamos fora o nosso próprio entendimento; porque é através desse entendimento somente que nós buscamos a orientação do Espírito.

Em um moinho onde o maquinário é todo movido por água, o funcionamento de todo o maquinário depende do suprimento de água. Cortem este suprimento, e os moinhos se tornam inúteis. Coloquem a água, e a vida e atividade é dada a todos. A dependência inteira é colocada sobre o fornecimento exterior de água; ainda assim, é óbvio que nós não jogamos fora o mecanismo através do qual o poder da água é exercido para empreender o trabalho. Exatamente assim, no crente, o homem inteiro é conduzido pelo Espírito de Cristo, senão ele não é dEle. A obra de cada dia depende do fornecimento diário do fluxo de vida do alto. Retirem este suprimento, e o entendimento torna-se uma massa informe de maquinário sombrio e inútil; pois a Bíblia diz que os homens não-convertidos têm o entendimento obscurecido. Restaurem o Espírito divino, e a vida e vivificação é dada a todos; o entendimento é feito uma nova criatura. Agora, porém toda a inclinação ou dependência aqui está sobre o fornecimento do Espírito, ainda é óbvio que não rejeitamos o maquinário da mente humana, mas sim o honramos muito mais do que o mundo.

Agora, por mais difícil que seja explicar tudo isso para o mundo, é belíssimo ver como realmente isso é efetuado pelo mais simples filho de Deus.

Se vocês pudessem ouvir algum simples crente caseiro em suas devoções matinais, quão simplesmente ele traz a si mesmo perdido e condenado, e em seguida, apega-se a Jesus, o divino Salvador! Quão simplesmente ele traz a si mesmo em escuridão, ignorância, incapacidade, a conhecer o seu caminho, incapaz de guiar seus pés, suas mãos, sua língua, ao longo de todo o dia, e, por isso, solicitando ao Espírito prometido que habite nele, que ande nele, que seja como o orvalho sobre a sua alma; e tudo isso com a seriedade de um homem que não vai embora sem a bênção; vocês veriam que santo desprezo um filho de Deus pode colocar em seu próprio entendimento, como um refúgio em que se apoiar. Mas, novamente, se vocês pudessem vê-lo em sua caminhada diária, no campo e no mercado, entre o mundo ímpio, e ver quão completamente ele segue a orientação de uma mente perspicaz e inteligente, vocês veriam com que santa confiança um filho de Deus pode fazer uso das faculdades que Deus lhe concedeu; vocês veriam a união da mais profunda piedade e mais severo cuidado; vocês conheceriam o significado dessas palavras: “Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento”.

Presbitério de Dundee, 1836.

Glorioso Deus! Oramos para que, pelo Teu Espírito Santo aplique o que de Ti há nestas palavras aos nossos corações e nos corações daqueles que lerem estas linhas, por Cristo para a glória de Cristo.

Ore para que o Espírito Santo use estas palavras para trazer muitos ao Conhecimento Salvador de Jesus Cristo, pela Graça de Deus. Amém.

*Sola Scriptura!*  
*Sola Gratia!*  
*Sola Fide!*  
*Solus Christus!*  
*Soli Deo Gloria!*



Fonte: Books.Google.com.br | Título original: Trust in the Lord

As citações bíblicas desta tradução são da versão ACF (Almeida Corrigida Fiel)

Tradução por Camila Almeida | Revisão e Capa por William Teixeira

\*\*\*

Acesse nossa conta no Dropbox e baixe mais e-books semelhantes a este:

<https://www.dropbox.com/sh/ha9bavgb598aazi/ALSKeljpBN>

Leia este e outros e-books online acessando nossa conta no ISSUU:

<http://issuu.com/oEstandarteDeCristo>

Participe do nosso grupo no Facebook: [facebook.com/groups/EstanteEC](https://www.facebook.com/groups/EstanteEC)

Você tem permissão de livre uso deste e-book e o nosso incentivo a distribuí-lo, desde que não altere o seu conteúdo e/ou mensagem de maneira a comprometer a fidedignidade e propósito do texto original, também pedimos que cite o site [OestandarteDeCristo.com](http://OestandarteDeCristo.com) como fonte. Jamais faça uso comercial deste e-book.

Se o leitor quiser usar este sermão ou um trecho dele em seu site, blog ou outro semelhante, eis um modelo que poderá ser usado como citação da referência:

Título – Autor

Corpo do texto

Fonte: [Books.Google.com.br](https://www.google.com.br)

Tradução: [OestandarteDeCristo.com](http://OestandarteDeCristo.com)

(Em caso de escolher um trecho a ser usado indique ao final que o referido trecho é parte deste sermão, e indique as referências (fonte e tradução) do sermão conforme o modelo acima).

Este é somente um modelo sugerido, você pode usar o modelo que quiser contanto que cite as informações (título do texto, autor, fonte e tradução) de forma clara e fidedigna.

Para solicitar este e-book em formato Word envie-nos um e-mail, solicitando-o:

[oestandartedecristo@outlook.com](mailto:oestandartedecristo@outlook.com)

## Uma Biografia de Robert Murray M'Cheyne



**Robert Murray M'Cheyne (1813 - 1843)**

Robert Murray M'Cheyne nasceu em 29 de maio de 1813, nunca época dos primeiros resplendores de um grande avivamento espiritual que ocorreria na Escócia. Entre os preparativos secretos com os quais Deus tencionava derramar sobre seu povo dias de verdadeiro e profundo refrigério espiritual se achava o nascimento do mais jovem dos cinco filhos de Adam McCheyne.

Desde sua infância, M'Cheyne deu mostras de possuir uma natureza doce e afável, ao mesmo tempo que se podia ver nele uma mente desperta e prodigiosa. Com apenas quatro anos de idade tinha como seu passatempo favorito estudar o grego e o hebraico. Aos oito anos ingressou numa escola superior, tendo passado anos mais tarde para a Universidade de Edimburgo. Em ambos centros de ensino, distinguiu-se como estudante brilhante. Era de boa estatura, cheio de agilidade e vigor, nobre em sua disposição, evitando toda forma de comportamento enganoso. Alguns consideravam-no como possuidor de forma inata de todas as virtudes do caráter cristão, porém, segundo seu próprio testemunho, aquela moralidade pura e externa que era por ele exibida, nascia de um coração farisaico, e como muitos de seus companheiros, lhe agradava gastar sua vida nos prazeres mundanos.

A morte do seu irmão Davi causou uma profunda impressão em sua alma. Seu diário contém numerosas alusões a este fato. Anos depois, escrevendo a um amigo, Robert disse: "Ore por mim, para que possa ser mais santo e mais sábio, sendo menos o que sou, e sendo mais como é o meu Senhor... Hoje, faz sete anos que perdi meu querido irmão, porém comecei a encontrar o Irmão que não pode morrer".

A partir de então, a consciência tenra de M'Cheyne despertou para a realidade do pecado e para as profundidades de sua corrupção. "Que massa infame de corrupção tenho sido!

Tenho vivido uma grande parte de minha vida completamente separado de Deus e para o mundo. Tenho me entregado completamente ao gozo dos sentidos e às coisas que perecem em torno de mim”.

Embora ele nunca tenha sabido a data exata do seu novo nascimento, jamais abrigou temor algum de que este não tivesse acontecido. A segurança de sua salvação foi algo característico de seu ministério, de modo que sua grande preocupação foi, em todo o tempo, obter uma maior santidade de vida.

No inverno do ano de 1831 começou seus estudos no Divinity Hall, onde Tomas Chalmers era professor de Teologia, e Davi Welsh de História Eclesiástica. Juntamente com outros companheiros seus, Eduard Irving, Horatius e Andrew Bonar – que escreveria a sua biografia posteriormente, dentre outros amigos fervorosos, M'Cheyne se reunia para pregar e estudar a Bíblia, especialmente nas línguas originais. Quando o Dr. Chalmers teve notícia do modo simples e literal com que M'Cheyne esquadrihava as Santas Escrituras, não pôde deixar de exclamar: “Agrada-me esta literalidade. Verdadeiramente, todos os sermões des-te grande servo de Deus estão caracterizados por uma profunda fidelidade ao texto bíblico”.

E já neste período de sua vida, M'Cheyne deu mostras de um grande amor pelas almas perdidas, e juntamente com seus estudos dedicava várias horas da semana para a pregação do Evangelho, tarefa que realizava quase sempre nos bairros pobres e mais baixos de Edimburgo.

Como os demais grandes servos de Deus, M'Cheyne teria uma clara consciência da radical seriedade do pecado. A compreensão clara da condição pecaminosa do homem era para M'Cheyne um requisito imprescindível para fazer sentir ao coração a necessidade de Cristo como único Salvador, e também a experiência necessária para uma vida de santidade.

Seu diário testemunha o severo juízo que fazia de si mesmo: “Senhor, se nenhuma outra coisa pudesse livrar-me dos meus pecados, a não ser a dor e as provas, envie-mas, Senhor, para que possa ser livrada de meus membros carregados de carnalidade”.

Inclusive nas mais gloriosas experiências do crente, M'Cheyne podia descobrir resquícios de pecado, e assim nos diz numa ocasião: “Mesmo minhas lágrimas de arrependimento estão manchadas de pecado”.

Andrew Bonar escreveu acerca do seu amigo as seguintes palavras: “Durante os pri-

meiros anos de seus cursos no colégio o estudo não chegou a absorver toda a sua atenção. Com-tudo, tão logo começou a mudança em sua alma, isto se refletiu em seus estudos. Um sentimento muito profundo de sua responsabilidade o levou a dedicar todos seus talentos ao serviço do Mestre, que lhe havia redimido. Poucos têm se consagrado à obra do Senhor, como fruto de um claro conhecimento de sua responsabilidade”.

Enquanto estudava Literatura e Filosofia no colégio sabia encontrar tempo para dedicar sua atenção à Teologia e à História Natural. Nos dias de sua maior prosperidade no ministério da pregação, quando juntamente com sua alma, sua congregação, e rebanho, constituíam o todo dos seus desvelos, frequentemente lamentava não ter adquirido, nos anos anteriores, um caudal de conhecimentos mais profundo, pois se havia dado conta que podia usar as jóias do Egito no serviço do Senhor. De vez em quando seus estudos anteriores evocavam em sua mente alguma ilustração apropriada para a verdade divina, e precisamente no solene instante em que apresentava o Evangelho glorioso aos mais ignorantes e depravados.

Suas próprias palavras manifestam sua estima pelo estudo, e ao mesmo tempo revelam o espírito de oração, que segundo M'Cheyne, devia sempre acompanhar os estudos. “Esforça-te nos estudos”, escreveu a um jovem estudante em 1840. “Dá-te conta que estás formando, em grande parte, o caráter do teu futuro ministério. Se adquirires agora hábitos de estudo matizados pelo descuido e inatividade, nunca tirarás proveito do mesmo. Faz cada coisa a seu tempo. Sê diligente em todas aquelas coisas que valham a pena serem feitas, e faz isto com todas as tuas forças. E acima de tudo, apresenta-te ao Senhor com muita frequência. Não intentes nunca ver um rosto humano até que não tenhas visto primeiro o rosto dAquele que é nossa luz e nosso tudo. Ora por teus semelhantes. Ora por teus mestres e companheiros de estudo”. A um outro jovem escreveu: “Cuidado com a atmosfera dos autores clássicos, pois é na verdade, perniciosa, e tu necessitas muitíssimo, para afastá-la, do vento sul que sopra das Escrituras. É certo que devemos conhecê-los – porém da mesma maneira que o químico faz experiência com as substâncias tóxicas – para descobrir suas propriedades químicas, e não para envenenar com elas o seu sangue”. E acrescentou: “Ora para que o Espírito Santo faça de ti não somente um jovem crente e santo, senão para que também te dê sabedoria em teus estudos”.

“Às vezes um raio da luz divina que penetra a alma pode dar suficiente luz para aclarar maravilhosamente um problema de matemática. O sorriso de Deus acalma o espírito, e a destra de Jesus levanta a cabeça do decaído, enquanto seu Santo Espírito aviva os efeitos, de modo que os estudos naturais possam ser feitos um milhão de vezes melhor e mais facilmente”.

As férias, para M'Cheyne, como para os seus amigos mais íntimos que permaneceram na cidade, não eram consideradas como uma interrupção quanto aos estudos a que nos referimos. Uma vez por semana costumavam passar uma manhã juntos com o propósito de estudar algum ponto de teologia sistemática, assim como para trocar impressões sobre o que haviam lido em privado.

Um jovem assim, com faculdades intelectuais tão pouco comuns e às quais se unia o amor ao estudo numa memória extremamente profunda, facilmente escolheu não colocar em primeiro lugar a erudição, mas sim a tarefa de salvar as almas. Ele submeteu todos os talentos que possuía à obra de despertar aqueles que estavam mortos em delitos e pecados. Preparou sua alma para a poderosa e solene responsabilidade de pregar a Palavra de Deus, e isto fez “com muita oração e profundo estudo da Palavra de Deus; com disciplina pessoal; com grandes provas e dolorosas tentações, pela experiência da corrupção da morte em seu próprio coração, e pela descoberta da plena graça do Salvador. Por experiência própria podia dizer: “Quem é o que vence o mundo senão o que crê que Jesus é o Filho de Deus?”.

No dia primeiro de julho de 1835, M'Cheyne obteve licença para pregar pelo presbitério de Annan. Depois de haver pregado por vários meses em diferentes lugares e dado evidência da peculiar doçura com que a Palavra de Deus fluía de seus lábios, M'Cheyne veio a ser o ajudante do pastor John Bonar nas congregações unidas de Larbert e Dunipade, próxima de Stirling. Em sua pregação fazia outros partícipes de sua vida interior, à medida que sua alma crescia na graça e no conhecimento do Senhor e Salvador. Começava o dia muito cedo cantando salmos ao Senhor. A isto seguia a leitura da Palavra para sua própria santificação. Nas cartas de Samuel Rutherford encontrou uma mina de riquezas espirituais. Entre outros livros de leitura favorita figuravam Chamamento aos Não Convertidos, de Richard Baxter, e a Vida de Davi Brainerd, de Jonathan Edwards. Em novembro de 1836 foi ordenado pastor na Igreja de São Pedro, em Dundee. Permaneceu como pastor desta congregação até o dia da sua morte. A cidade de Dundee, como ele mesmo se referiu a ela, “era uma cidade dada à idolatria e de coração duro”. Porém não havia nada em suas mensagens que buscasse o agrado do homem natural, pois longe estava de seu coração buscar agradar os incrédulos. “Se o Evangelho agradasse ao homem carnal, então deixaria de ser Evangelho”. Estava profundamente convencido que a primeira obra do Espírito Santo na salvação do pecador era a de produzir convicção do pecado e a de trazer o homem a um estado de desespero diante de Deus. “A menos que o homem não seja posto ao nível de sua miséria e culpa, toda nossa pregação será vã porque somente um coração contrito pode receber ao Cristo crucificado”. Sua pregação estava caracterizada por um elemento de marcante urgência e alarme. “Que me ajude sempre a lhes falar com clareza. Mesmo a vida daqueles que

podem viver muitos anos, é na realidade, curta. Contudo, esta vida curta, que Deus nos tem dado e que é suficiente para que busquemos o arrependimento e a conversão, logo, muito rapidamente passará. Cada dia que passa é como uma passo a mais em direção ao trono do juízo eterno”.

Ao seu profundo amor pelas almas se somava uma profunda sede de santidade de vida. Escrevendo a um companheiro no ministério, disse: “Sobre todas as coisas cultiva teu próprio espírito. Tua própria alma deveria ser o principal motivo de todos os teus cuidados e desvelos. Mais que os grandes talentos, Deus abençoa aqueles que refletem a semelhança de Jesus em suas vidas. Um ministro santo é uma arma poderosa nas mãos de Deus”. M'Cheyne talvez pregou com mais poder com sua vida que com suas mensagens, como bem sabia e dizia seu amigo Andrew Bonar, que “os ministros do Evangelho não somente devem pregar fielmente, como também viver fielmente”.

Como pastor em Dundee, M'Cheyne introduziu importantes inovações na congregação. Naquela ocasião as reuniões de oração eram desconhecidas, eram muito raras. M'Cheyne ensinou aos membros a necessidade de se reunirem todas as quintas-feiras à noite para unirem seus corações em oração ao Senhor, e estudar Sua Palavra. Também destinava outro dia durante a semana para os jovens. Seu ministério entre as crianças constitui a nota mais brilhante de seu ministério.

Ao seu zelo por santidade de vida acrescentava seu afã por pureza de testemunho entre os membros de sua congregação. M'Cheyne era consciente de que a igreja – como parte do corpo místico de Cristo deveria manifestar a pureza e santidade dAquele que havia morrido para apresentar uma igreja santa e sem mancha ao Pai. Daí seu zelo pela observância da disciplina na congregação. E assim, num culto de ordenação de presbíteros, disse: “Ao começar meu ministério entre vocês, eu era extremamente ignorante da grande importância que a igreja de Cristo tem da disciplina eclesiástica. Pensava que meu único e grande objetivo nesta congregação era o de orar e pregar. Suas almas me pareciam tão preciosas e o tempo me parecia tão curto, que eu decidi dedicar-me exclusivamente com todas minhas forças e com todo o meu tempo ao trabalho da evangelização e à doutrina. Sempre que os anciãos desta igreja me apresentaram casos de disciplina, eu os considerava como dignos de aborrecimento. Constituíam uma obrigação diante da qual eu me encolhia. Porém agradou ao Senhor, que ensina a seus servos de uma maneira muito distinta que o homem, dará ocasião dEle ser bendito não apenas com o dom da conversão, mas com alguns casos de disciplina a nosso cuidado. Desde então uma nova luz acendeu em minha mente. Dei-me conta que não somente a pregação era uma ordenança de Cristo, como também o exercício da disciplina eclesiástica”.



Ao mesmo tempo que o vigor e a força espiritual de sua alma alcançava uma grandeza gigantesca, a saúde física de M'Cheyne se enfermava e enfraquecia à medida que os dias transcorriam. Em fins do anos de 1838, uma violenta palpitação do coração, ocasionada por seus árduos trabalhos ministeriais, obrigaram o jovem pastor a buscar repouso. E como sua convalescença seguia num ritmo muito lento, um grupo de pastores, reunidos em Edimburgo na primavera de 1839, decidiu convidar M'Cheyne para que se unisse a uma comissão de pastores que planejava ir à Palestina para estudar as possibilidades missi-onárias da Terra Santa. Todos criam que tanto o clima como a viagem redundariam em benefício para a saúde do pastor. De um ponto de vista espiritual, sua estada na Palestina constituiu uma verdadeira bênção para sua alma. Visitar os lugares que haviam sido o cenário da vida e obra do bendito Mestre, e pisar a mesma terra que um dia pisara o Varão de Dores, foi uma experiência indescritível para o jovem pastor. Contudo, fisicamente, o estado de M'Cheyne não melhorou, antes, pelo contrário, parecia que seu tabernáculo terrestre ameaçava desmoronar totalmente. E assim, em fins de julho de 1839, encontrando-se a delegação missionária próximo de Esmirna, e já a caminho de volta, o Senhor estendeu sua mão curadora, e o grande servo do Evangelho pôde finalmente regressar à sua amada Escócia e a seu querido rebanho em Dundee.

Durante sua ausência, o Espírito Santo começou a operar um avivamento maravilhoso na Escócia. Este avivamento começou em Kilsyth, e sob a pregação do jovem pastor W. C. Burns, que havia substituído a M'Cheyne enquanto ele se convalescia. Num curto espaço de tempo a força do Espírito Santo, que impulsionava o avivamento, se deixou sentir em muitos lugares. Em Dundee, onde cultos se prolongavam até altas horas da noite em cada dia da semana, as conversões foram muito numerosas. Parecia como se toda a cidade houvesse sido sacudida pelo poder do Espírito.

Em novembro do mesmo ano, M'Cheyne, tendo melhorado de sua enfermidade, retornou à sua congregação. Os membros da Igreja transbordavam de alegria ao ver de novo o rosto do seu amado pastor. A igreja fez um silêncio absoluto, enquanto todos esperavam que M'Cheyne ocupasse o púlpito. Muitos membros derramaram lágrimas de gratidão ao verem de novo o rosto de seu pastor. Porém ao terminar o culto, e movidos pelo poder de sua pregação, foram muitos os pecadores que derramaram lágrimas de arrependimento.

O regresso de M'Cheyne a Dundee marcou um novo episódio no seu ministério e também na Igreja escocesa. Parecia como se a partir de então o Senhor houvesse se disposto a responder as orações que o jovem pastor elevava desde o princípio do seu ministério suplicando um avivamento ali onde M'Cheyne pregara, e o Espírito acrescentava novas almas à Igreja.

Na primavera de 1843, ao ter M'Cheyne regressado de uma série de reuniões especiais em Aberdeenshire, caiu repentinamente enfermo. Neste lugar havia visitado a vários enfermos com febre infecciosa, e a sua constituição enfermiça e débil sucumbiu ao contágio da mesma. E no dia 25 de março de 1843 ele partiu para estar com o Senhor.

“Em todas as partes onde chegava a notícia de sua morte – escreveu Bonar – o semblante dos crentes se ensombrecia de tristeza. Talvez não haja havia outra morte que tenha impressionado tanto os santos de Deus na Escócia como a deste grande servo de Deus, que consagrou toda sua vida à pregação do Evangelho eterno. Com frequência costumava dizer: “vivam de tal modo que nenhum dia seja perdido por vocês”, e ninguém que houvesse visto as lágrimas que foram vertidas na ocasião de sua morte teriam duvidado em afirmar que sua vida havia sido o que ele havia recomendado a outros. Não teria mais que vinte e nove anos quando o Senhor o levou”.

“No dia do sepultamento cessaram todas as atividades em Dundee. Desde o domicílio fúnebre até o cemitério, todas as ruas estavam abarrotadas de gente. Muitas almas se deram conta naquele dia que um príncipe de Israel havia caído, enquanto muitos corações indiferentes experimentaram uma terrível angústia ao contemplar o solene espetáculo”.

A sepultura de M'Cheyne pode ser vista no rincão nordeste do cemitério que fica ao redor da Igreja de São Pedro. Ele se foi às montanhas de mirra e às colinas de incenso, até que desponte o dia e fujam as sombras. Completou sua obra. Seu Pai celestial não teria para ele outra planta para regar, nem outra vida para cuidar, e o Salvador, que tanto o amou em vida, agora o esperava com suas palavras de boas-vindas: “Muito bem, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor”.

O ministério de M'Cheyne não terminou com sua morte. Suas mensagens e cartas, juntamente com sua biografia, escrita por seu amigo Andrew Bonar, têm sido um rico meio de bênção para muitas almas.

---

♦ Fonte: [www.poesias.omelhordaweb.com.br](http://www.poesias.omelhordaweb.com.br)

## Quem Somos

O Estandarte de Cristo é um projeto cujo objetivo é proclamar a Palavra de Deus e o Santo Evangelho de Cristo Jesus, para a glória do Deus da Escritura Sagrada, através de traduções inéditas de textos de autores bíblicos fiéis, para o português. A nossa proposta é publicar e divulgar traduções de escritos de autores como os Puritanos e também de autores posteriores àqueles como John Gill, Robert Murray M'Cheyne, Charles Haddon Spurgeon e Arthur Walkington Pink. Nossas traduções estão concentradas nos escritos dos Puritanos e destes últimos quatro autores.

O Estandarte é formado por pecadores salvos unicamente pela Graça do Santo e Soberano, Único e Verdadeiro Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, segundo o testemunho das Escrituras. Buscamos estudar e viver as Escrituras Sagradas em todas as áreas de suas vidas, holisticamente; para que assim, e só assim, possamos glorificar nosso Deus e nos deleitarmos nEle desde agora e para sempre.

---

### Livros que Recomendamos:

- A Prática da Piedade, por Lewis Bayly – Editora PES
- Graça Abundante ao Principal dos Pecadores, por John Bunyan – Editora Fiel
- Um Guia Seguro Para o Céu, por Joseph Alleine – Editora PES
- O Peregrino, por John Bunyan – Editora Fiel
- O Livro dos Mártires, por John Foxe – Editora Mundo Cristão
- O Diário de David Brainerd, compilado por Jonathan Edwards – Editora Fiel
- Os Atributos de Deus, por A. W. Pink – Editora PES
- Por Quem Cristo Morreu? Por John Owen (baixe gratuitamente no site FirelandMissions.com)

---

### Viste as páginas que administramos no Facebook

- Facebook.com/oEstandarteDeCristo
- Facebook.com/ESJesusCristo
- Facebook.com/EvangelhoDaSalvacao
- Facebook.com/NaoConformistasPuritanos
- Facebook.com/ArthurWalkingtonPink
- Facebook.com/CharlesHaddonSpurgeon.org
- Facebook.com/JonathanEdwards.org
- Facebook.com/JohnGill.org
- Facebook.com/PaulDavidWasher
- Facebook.com/RobertMurrayM'Cheyne
- Facebook.com/ThomasWatson.org

### Indicações de E-books de publicações próprias.

Baixe estes e outros gratuitamente no site.

- 10 Sermões – Robert Murray M'Cheyne
- Agonia de Cristo – Jonathan Edwards
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cristo É Tudo Em Todos – Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável – John Flavel
- Doutrina da Eleição, A – Arthur Walkington Pink
- Eleição & Vocação – Robert Murray M'Cheyne
- Excelência de Cristo, A – Jonathan Edwards
- Gloriosa Predestinação, A – C. H. Spurgeon
- Imcomparável Excelência e Santidade de Deus, A – Jeremiah Burroughs
- In Memoriam, A Canção dos Suspiros – Susannah Spurgeon
- Jesus! - Charles Haddon Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração – C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A – C. H. Spurgeon
- Paixão de Cristo, A – Thomas Adams
- Plenitude do Mediador, A – John Gill
- Porção do Ímpios, A – Jonathan Edwards
- Quem São Os Eleitos? – C. H. Spurgeon
- Reforma – C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta – R. M. M'Cheyne
- Salvação Pertence Ao Senhor, A – C. H. Spurgeon
- Sangue, O – C. H. Spurgeon
- Semper Idem – Thomas Adams
- Sermões de Páscoa – Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) – C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A – J. Edwards
- Tratado sobre a Oração, Um – John Bunyan
- Verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo, O – Paul D. Washer





## 2 Coríntios 4

<sup>1</sup> Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; <sup>2</sup> Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à <sup>3</sup> consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. <sup>4</sup> Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que Ihes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. <sup>5</sup> Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. <sup>6</sup> Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. <sup>7</sup> Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. <sup>8</sup> Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. <sup>9</sup> Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; <sup>10</sup> Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; <sup>11</sup> E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. <sup>12</sup> De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. <sup>13</sup> E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. <sup>14</sup> Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. <sup>15</sup> Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. <sup>16</sup> Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. <sup>17</sup> Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; <sup>18</sup> Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.